

ARTES VISUAIS

Sobre telégrafos e vampiros

Otavio Schipper converte discurso em sensação sonora e faz pensar sobre as (com)pulsões contemporâneas

'Inconsciente mecânico'

Otavio Schipper

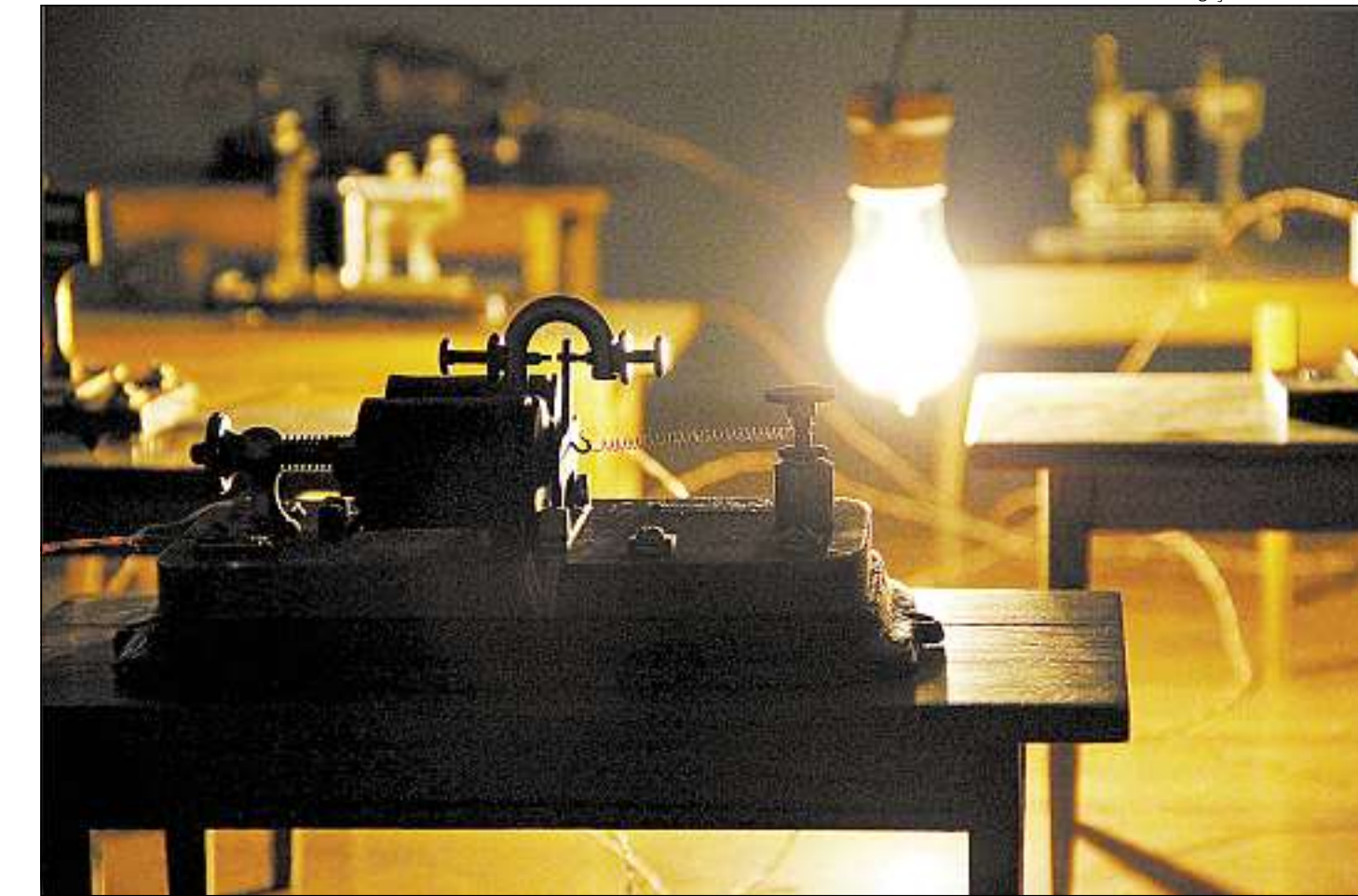
Marisa Flório

ARTES
CRÍTICA

Quando o telégrafo apareceu no cotidiano dos homens, ele esgarçaria os horizontes do mundo. Aquela máquina, movida a energia elétrica, diluía as distâncias geométricas, comprimia o tempo na velocidade da luz, transformava a modalidade da presença física e corpórea — bastavam alguns toques, o *on/off* das ligações, para que a mensagem chegasse onde a visão não alcançava. Sua escrita à distância, sua *tele-graphia*, afastando os contextos próximos e criando uma espécie de língua universal traduzida por um código de sinais (o código Morse), esvaziava as noções familiares de espaço e tempo e provocava uma espécie de desenraizamento.

Por isso talvez o século XIX oscilasse entre as celebrações do progresso tecnocientífico e um agudo sentimento de incerteza e estranhamento. Entre o homem e o desconhecido, o real e seu duplo, o corpo e o solo por onde ele transitava, diluíam-se as fronteiras.

No século das luzes, da ciência e da energia elétrica, o homem coincidiria também com a sua noite: a teoria de Darwin o obrigava a ver sua semelhança divina perder-se no reflexo especular de um símbolo; Jacob Burckhardt revelava o lado escuro do berço da civilização europeia em sua História da civilização grega; Nietzsche declararia o fim da metafísica, a morte de Deus e de seu laço com a linguagem, convidando o homem a um salto jubiloso na exteriorida-



SOB A LUZ de uma lâmpada de filamento, antigos telégrafos, vozes sintéticas e sons telefônicos formam a instalação sonora criada por Otavio Schipper

Divulgação/Ana Elisa Cohen

de sem essências; Freud proclamaria que o homem é seu inconsciente, a região afótica de sua mente.

Se a metafísica e a teologia até então prometiam pontes entre o visível e o invisível, entre homem e mundo, entre o homem e sua Humanidade, que outras modalidades de ligação, de conexão, de codificação e controle estavam se anunciando? O que substituiria as antigas figuras da mediação, as ativadoras dos laços, como anjos, espíritos, Eros?

O tema do duplo, do fantasma e do vampiro, insistente na

literatura da época (Allan Poe, Dostoiévski, Maupassant, Hoffmann, Bram Stoker, entre outros), testemunha o pavor: a estranheza frequente de si, a incerteza de sua própria realidade, o descontrolo das relações e dos laços. Incrédulo sobre si, o homem precisava encontrar a chave de sua existência, aquilo que ostentasse o título de sua evidência. Duvidando da estabilidade dos elos, em confronto aterrador com o outro não comum, veria, nos espectros e vampiros, figuras pervertidas das mediações. Mediadores sombrios que, ser-

vis às suas pulsões, contaminavam e adoeciam a harmonia prometida dos laços.

Logo a vida e o corpo seriam codificados pela medicina, o estranho e as pulsões pela psicanálise, o mundo traduzido em informação pelas tecnologias. Enquanto isso, os elos seriam, cada vez mais, nos tempos que se seguiriam, dependentes dos impulsos elétricos, das linhas telefônicas, das redes eletrônicas, do *on/off* das ligações tecnológicas.

São telégrafos, essas máquinas que estão na genealogia da internet, das tecnolo-

gias de comunicação à distância e da codificação extrema, que Otavio Schipper traz para o espaço expositivo da Anita Schwartz Galeria. A instalação sonora realizada em parceria com o músico e matemático Sergio Krakowski consiste, na descrição do artista, “em um diálogo entre uma série de antigos telégrafos, vozes sintéticas e sons telefônicos. O sistema é controlado a partir de um computador e de diversas vozes sintéticas, comuns na telefonia digital, gravadas com a ajuda de um *software* de leitura para ce-

gos. Estas declamam em diferentes idiomas: artigos científicos, teses acadêmicas, linguagens abstratas e longas listas de números, mensagens de secretárias eletrônicas de diferentes países, criando um volumoso discurso de sentido absurdo. Os telégrafos, por sua vez, acionados pelo ritmo das vozes, dialogam com elas em um código Morse próprio, como uma ópera sem músicos. Apenas uma lâmpada de filamento ilumina a sala e vibra de forma intermitente, ficando mais ou menos intensa, de acordo com a presença sonora no ambiente”.

‘Ópera absurda’

Suspensos por uma plataforma, os mecanismos e a luz sutil emprestam ao ambiente um ar etéreo, colocando na penumbra os limites espaciais da sala. Interligado por fios e correntes elétricas, o sistema autônomo converte informação em ritmo, discurso em sensação sonora, código em “ópera absurda” e enlouquecida. O toque do telégrafo desaparece para dar lugar à voz que o aciona e à piscadela do olho provocada pela intermitência da luz — o *bit* transforma-se em pulsação, o impulso elétrico na pulsão do corpo. Ou talvez, o “inconsciente mecânico” desse *techno-logos*, como intitula a obra, nos leva a interrogar sobre quais são as (com)pulsões contemporâneas: a codificação e a interatividade exasperadas, a indistinção entre o que é vivido e o que é exibido, a obsessão de estarmos sempre conectados para existir. Mesmo que seja na fantasmagoria das redes. ■

PINCELADAS

William Kentridge vem ao Rio

• O consagrado artista plástico sul-africano William Kentridge fará uma exposição em maio de 2011, na Casa França-Brasil, como parte da Semana de Arte do Rio, organizada pelo artista plástico Vik Muniz e o geógrafo Jailson de Souza. Kentridge ainda pode trazer ao Brasil a ópera “O nariz”, encenada este ano no Metropolitan, em Nova York, com cenografia e direção do artista, cuja marca são as delicadas animações.

MNBA e USP juntos

• O Museu Nacional de Belas Artes e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP assinaram um convênio para a elaboração de pesquisas, banco de dados e registro fotográfico do acervo do MNBA; o intercâmbio de estudantes e pesquisadores; e a realização de cursos e publicações. A parceria começa em 2011, com uma pesquisa sobre artistas italianos e portugueses da coleção.

Fotos solidárias

• Amigos de João Silva, fotógrafo do “New York Times” que perdeu este ano a parte inferior das duas pernas numa mina no Afeganistão, criaram um site para vender imagens do fotógrafo português e levantar fundos (joaosilva.photoshelter.com). Há registros de conflitos no Iraque, no Líbano e no Afeganistão, além de fotos *vintage*, feitas entre 1993 e 1996 na África do Sul, onde ele é radicado.

Dica de artista



Brígida Baltar

• O holandês Bas Jan Ader é um artista conceitual sublime. Gosto da precisão e da elegância de suas experiências, que envolvem arte, física e muita vulnerabilidade. Sua obra mais conhecida, “In search of the miraculous”, consiste em sua travessia fatal saindo da Costa Leste dos Estados Unidos em direção à Europa, num barco muito pequeno

OBRA EM PROGRESSO • Rubem Grilo

• A exposição que Rubem Grilo apresentou no Rio na Caixa Cultural, em fevereiro de 2009, percorreu as filiais do espaço em Salvador e São Paulo e, em maio do ano que vem, chegará a Brasília. Em dois anos de itinerância, o artista reviu suas gravuras e foi criando e acrescentando obras novas, relacionando o trabalho recém-nascido com gravuras feitas há mais de duas décadas. E ele quer fazer o mesmo na mostra da capital brasileira, com obras criadas este ano e outras ainda por vir.

— Expus algumas matrizes, que ainda não tinham originado gravuras, e penso em imprimi-las agora para expor. Você vê como uma obra que existe há 26 anos ainda pode dialogar com outras que estão sendo feitas. E mostra que um traba-



Divulgação

A COLAGEM “Tulipa negra”: influência no processo da gravura

lho não nasce num só dia — diz Grilo.

Com formação em jornais como “Opinião” e “Movimento”, o artista conta que tem feito muitas colagens, desde que, há três anos, começou a criar ilustrações para a coluna de Ferreira Gullar na “Folha de S. Paulo”. Além de ter que pensar na cor, hoje mais presente em sua obra, a prática o ajudou a repen-

sar seu próprio exercício de gravador.

— Para fazer a matriz da gravura, começo da linha, que tem que buscar seu ponto de síntese. Quando uso papel, é o oposto, eu já parto da solução sintética e tenho que buscar o detalhamento. É como botar o trabalho de ponta a cabeça, e isso é importante para o processo de criação — afirma o artista.

AGENDA

ALCORÃO na

exposição “Islã”, que termina no domingo, dia 26, no CCB. Também é a última chance para ver “Miragens”



Divulgação

Amanhã

• O Parque das Ruínas (2252-1039) recebe a “Festa da foto”, com projeção de fotografias das 10h às 22h. Das 18h às 21h, Katja Schirili, Fábio Seixo, Milton Montenegro, Christian Gaul e Patricia Gouveia exibem suas obras e, às 21h, participam de um debate mediado por Daniela Name. A festa também expõe fotos em *pinhole*, de 70 artistas, e terá um espaço onde qualquer um poderá mostrar suas imagens. A curadoria é de Eduardo Roly.

• Depois de passar pelo Rio, a ex-

posição “Hélio Oiticica — Museu é o mundo” é inaugurada no Museu Nacional ([61] 3325-6410), às 20h, em Brasília. A mostra reúne metaesquemas, bóides, relevos, parangolés e penetráveis ao ar livre, entre eles “Invenção da luz”, feito pelo artista para Brasília entre 1978 e 1980, e exposto pela primeira vez na cidade, no Eixo Monumental, em frente à Funarte.

• Abrindo a segunda edição do Programa Ocupas, o artista plástico Marcos Chaves inaugura às 19h a exposição “Evento”, no Palácio

da Aclamação ([71] 3117-6150), em Salvador, usando móveis do palácio num *site-specific* em que o vento é o principal elemento.

Quarta, dia 22

• Pertencentes à sede da ONU, os painéis “Guerra e Paz”, pintados por Candido Portinari, podem ser vistos no Teatro Municipal (2332-9191), nos dias 22, 23, 26, 27, 28, 29 e 30, em seis sessões diárias (10h, 12h, 14h, 16h, 18h e 20h). A entrada é franca. De janeiro a maio de 2011, os painéis serão restaurados

no Palácio Gustavo Capanema, em ateliê aberto ao público.

Domingo, dia 26

• É o último dia de duas exposições no Centro Cultural Banco do Brasil (3808-2020): “Islã”, que reúne mais de 300 obras de museus da Síria e do Irã, abrangendo 13 séculos de arte islâmica, entre pinturas, esculturas, caligrafias, iluminuras, mobiliário, e vestuário; e “Miragens”, um olhar contemporâneo sobre a cultura islâmica, em 58 obras de 19 artistas. Das 9h às 21h.